

# Cilpes/Cilpis/Xilb/Silves? Para uma discussão antiga um novo contributo. A inscrição de Silves evocativa do templo de Neptuno\*

Cilpes/Cilpis/Xilb/Silves? To an ancient question a new contribution: The roman inscription from Silves about the Neptune's temple

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO\*\*  
MARIA JOSÉ GONÇALVES\*\*\*

RESUMO      ABSTRACT

*Circula, mesmo no meio científico, a ideia de que a cidade de Silves provém de um aglomerado urbano romano, que manteve ocupação durante a Alta Idade Média e resultou na grande Xilb islâmica. Para tal contribuiu, numa primeira fase, uma certa historiografia romântica e, nas últimas décadas do século XX, algumas inferências a partir de achados arqueológicos, informação que gostaríamos de sistematizar e analisar aqui, acrescentando novos dados retirados de intervenções arqueológicas mais recentes.*

*Percorreremos as várias correntes de opinião, por vezes abordadas apenas em torno da problemática da génese da cidade islâmica. Deter-nos-emos, com maior acuidade, na análise de alguns referentes que iam no sentido de uma certa corrente defensora da ocupação romana do local da actual cidade, nomeadamente uma inscrição romana que informa sobre a existência, em Silves, de um templo dedicado a Neptuno.*

*Even in scientific circles, some defend the idea that the city of Silves originated from a Roman urban settlement that prevailed during the High Middle Ages and resulted in the great Islamic Xilb. To this assumption contributed, at first, a certain romantic historiography and, in the last decades of the 20th century, some inferences based on archaeological findings that we would like to study, adding new data obtained from recent archaeological works.*

*We will go through the various currents of opinion, usually approached only in the context of study of the origins of the Islamic city, focusing on some data that led to the thesis of the Roman occupation of the site of the actual city, namely a Roman inscription which mentions the existence of a temple dedicated to Neptune in Silves.*

---

\* Comunicação apresentada em Alcácer de Sal (Maio de 2009).

\*\* Universidade de Coimbra, investigador do CEAUCP. Este estudo foi realizado no âmbito da investigação do Grupo de Trabalho «Epigrafia e Imagens da Antiguidade e Época Medieval», do referido Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (Unidade I&D 281 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia). Palácio de Sub-Ripas – P-3000-395 Coimbra. Endereço privado: Rua Eça de Queirós, 89 – Pampilheira – P-2750-662 Cascais. [jde@fl.uc.pt](mailto:jde@fl.uc.pt)

\*\*\* Investigadora do CEAUCP. Arqueóloga. Câmara Municipal de Silves. [maria.goncalves@cm-silves.pt](mailto:maria.goncalves@cm-silves.pt)

*PALAVRAS CHAVE*

*KEYWORDS*

*Silves – Arqueologia – Inscrições romanas  
– Templo a Neptuno.*

*Silves – Archaeology – Roman inscriptions  
– Neptune's temple.*

Recibido el 27 de febrero de 2013. Aceptado el 4 de marzo de 2013

## 1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Com uma localização estratégica privilegiada, sobre uma pequena elevação, na confluência de dois importantes cursos de água, a Ribeira de Odelouca e o Rio Arade, este último importante canal de acesso aos mares, a cidade de Silves desde cedo despertou a atenção dos estudiosos para a sua história (fig. 1).



Fig. 1: Localização de Silves na Península Ibérica.

Talvez imbuídos de um certo espírito romântico, certamente inspirados na sua grandeza monumental, os mais antigos atribuem-lhe uma inequívoca origem romana ou mesmo anterior. Se observarmos alguns deles, mais ou menos generalistas, mais ou menos reconhecidos, a realidade é a mesma: é evocada a grandiosidade da cidade durante o período de permanência islâmica e referidos os seus atributos de urbe em períodos anteriores.

«No sítio chamado da Barra de Silves (...) houve uma torre de vigia, fabricada de tijolos Phenícios, que servia para d'alli os Turdetanos, depois os Romanos e

por fim os Mouros, vigiarem quem entrava ou saía do porto da cidade», menciona Pinho Leal<sup>1</sup>.

Garcia Domingues também refere, a propósito do castelo:

«As suas origens são muito remotas. Possivelmente já existia sob a forma de “castro” quando aqui chegaram os romanos, mas foram, sem dúvida, estes que o transformaram em poderoso reduto. Os árabes embelezaram-no e deram-lhe maior valor bélico<sup>2</sup>».

Dois anos depois o mesmo autor reafirma:

«Tudo indica que foi na época romana que a fortaleza construída no cimo da cidade de Silves por Cinetes, Cúneos ou Cónios, se transformou num castelo (...). Não é de excluir que parte das muralhas e torres do castelo e das muralhas que envolvem a cidade tenha sido construída na época romana, e mais tarde reforçada ou modificada nalgum aspecto<sup>3</sup>».

Estácio da Veiga indica-a na *Carta Archeológica do Algarve* como sede de uma “povoação extinta ou arrasada” de época romana e considera romanas as cisternas que explora no castelo de Silves<sup>4</sup>.

Também Maria Luísa Affonso dos Santos lhe atribui origem pré-romana, referindo-se ao castelo como «sucessivamente pré-romano, romano, muçulmano e português<sup>5</sup>».

Rosa Varela Gomes tem, de igual modo, vindo a defender a existência de um núcleo urbano romano no local onde se implanta a actual cidade. Refere, a propósito:

«A presente área urbana de Silves teria, já no séc. II, importante templo, conforme testemunham dois volumosos capitéis de mármore, lápides e alguns materiais encontrados dispersos, datando também, por certo, daquele período os indícios da sua estruturação viária, que ainda hoje caracterizam o centro histórico<sup>6</sup>. Assim, a

---

<sup>1</sup> LEAL, A. S. A. B. de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno: dicionário geographico, estatístico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*, Livraria Editora de Mattos Moreira e Companhia, Lisboa, IX, 1873, p. 379.

<sup>2</sup> DOMINGUES, J. D. Garcia, *Elementos para o Plano de Urbanização de Silves: Memorial sobre a estrutura topográfica, demográfica, urbanística, história, cultura e economia da cidade de Silves*, 1956 (policopiado), p. 108.

<sup>3</sup> DOMINGUES, J. D. Garcia, *Guia Turístico da Cidade e do Concelho*, Câmara Municipal de Silves, 2002, p. 23.

<sup>4</sup> VEIGA, Sebastião Philippes Martins Estácio, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, Imprensa Nacional, Lisboa, III, 1889, p. 46.

<sup>5</sup> SANTOS, Maria Luísa Estácio da Veiga Affonso, *Arqueologia Romana do Algarve*, II, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1972, p. 99.

<sup>6</sup> A propósito deste assunto ver: GONÇALVES, M. J.; MORENO-GARCÍA, Marta; PIMENTA, Carlos Manuel, «“Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso” Ossos com inscrições árabes de um arra-

Silves medieval terá herdado do planeamento romano duas grandes vias, correspondentes ao *cardo maximus* e ao *decumanus*, que se cruzam junto à Sé<sup>7</sup>».

Na verdade, ao longo dos tempos, o subsolo da cidade foi oferecendo materiais romanos; a sua pouca expressividade leva-nos, porém, a problematizar a questão da origem da cidade de Silves, usando para tal os contributos da investigação histórica e os dados até hoje disponibilizados pela Arqueologia e, mais especificamente, pela Epigrafia.

## 2. OS CONTRIBUTOS DA HISTÓRIA E DA ARQUEOLOGIA

Excluindo a fugaz passagem de Estácio da Veiga por Silves nos finais do séc. XIX<sup>8</sup> e os resultados obtidos nas duas intervenções arqueológicas que promoveu na Alcáçova e no Ilhéu do Rosário e alguns achados avulsos na cidade e espaços adjacentes<sup>9</sup>, a história de Silves fez-se, até aos anos 80 do século XX, apenas com base nas fontes históricas, escassas nos primeiros tempos e proliferas, mas dispersas, a partir do período medieval cristão.

De entre o manancial de informação escrita destacam-se as referências em documentos árabes, onde *Xilb* é citada catorze vezes<sup>10</sup>, reportando-se as primeiras menções ao séc. IX. Estas relatam factos históricos, fornecem dados biográficos, mas, sobretudo, convergem para que consigamos uma reconstituição aproximada da topografia da cidade em época islâmica. Para este fim contribuiu também, de modo preponderante, o relato de um cruzado<sup>11</sup> que tomou parte na primeira conquista cristã da cidade, ocorrida em 1189, bem como os forais afonsino (1266) e manuelino (1504)<sup>12</sup>. Duzentos anos depois da transferência de poder para os cristãos, o *Livro do*

balde islâmico de Silves», in *Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 20, 21 e 22 de Outubro)*, *Xelb*, 6, II, (2006), pp. 165-180.

<sup>7</sup> GOMES, Rosa Varela, *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: território e cultura*, Trabalhos de Arqueologia nº 23, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 2002, p. 93.

<sup>8</sup> VEIGA, Sebastião Philippes Martins Estácio, *Antiguidades Monumentais do Algarve*, Imprensa Nacional, Lisboa: I, 1886; II, 1887; III, 1889; IV, 1891; V, 2006 [Câmara Municipal de Silves/Museu Nacional de Arqueologia]; IDEM, «Antiguidades monumentaes do Algarve», *O Archeologo Portuguez*, 15, (1910), pp. 209-233.

<sup>9</sup> GONÇALVES, M. J., «Arqueologia no concelho de Silves. O contributo pioneiro de Estácio da Veiga», in *Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 24 e 25 de Novembro de 2006)*, *Xelb*, 7, (2007), p. 424.

<sup>10</sup> MAZZOLI-GUINTARD, Christine, *Ciudades de al-Andalus – España y Portugal en la época musulmana (s. VIII-XIII)*, Almed, Editorial al-Andalus y el Mediterraneo, Granada, 2000, p. 450.

<sup>11</sup> Encontrado o manuscrito numa biblioteca de Turim, anotado e publicado por João Baptista da Silva Lopes: *Relação da derrota naval, façanhas e sucessos dos cruzados que partirão do Escalda para a Terra Santa no Anno de 1189 – traduzida e anotada*, Academia das Ciências, Lisboa, 1844. Estudo posterior, da autoria de Manuel Cadafaz de MATOS: *A cidade de Silves num itinerário naval do século XII por um cruzado anónimo*, fac-símile da edição por João Baptista da Silva Lopes, estudo introdutório do autor, pp. 1-144, Lisboa, edição conjunta de Edições Távola Redonda/Câmara Municipal de Silves, 1999.

<sup>12</sup> SILVA, Manuela Santos; ANDRADE, Filomena, *Forais de Silves*, Câmara Municipal de Silves, 1993.

*Almoxarifado de Silves*<sup>13</sup>, que menciona a propriedade régia no final do século XV, permitindo a encenação gráfica de uma cidade onde se tinham fossilizado alguns rasgos do urbanismo da *Xilb* islâmica, é uma fonte repleta de informação. Também importantes, sobretudo porque chamam a atenção para a ocorrência de obras nos elementos defensivos islâmicos da cidade, já na Baixa Idade Média, são as actas das cortes onde estiveram presentes «homens bons» de Silves, na maior parte das vezes a reivindicar ajuda para reparações nas muralhas, na catedral ou na ponte<sup>14</sup>. Já distantes mas ainda de irrefutável importância, sobretudo para o desenho do sistema defensivo, são algumas gravuras: uma genericamente datada do século XVII e publicada em 1842<sup>15</sup>, outra publicada em 1844<sup>16</sup>, e uma aguarela de 1815<sup>17</sup>.

Como se viu, pela descrição sumária das fontes acessíveis, a história de Silves com base nos documentos escritos não pode fazer-se para além do séc. IX, quando Silves já era detentora de considerável importância no contexto geográfico do Gharb al-Andalus.

A partir do início dos anos 80 do século XX, verifica-se o arranque dos trabalhos arqueológicos na cidade de Silves. Têm início com o desentulhamento do poço-cisterna almóada e a escavação do pátio anexo<sup>18</sup>, a que se seguem aqueles que, até hoje, perduram na alcáçova<sup>19</sup>. No início dos anos 90, ocorreram em espaço contí-

<sup>13</sup> LEAL, M. J. da Silva; DOMINGUES, José Domingues Garcia, *Livro do Almoxarifado de Silves (século XV)*, Câmara Municipal de Silves, 1984.

<sup>14</sup> Documentos estudados e publicados por Alberto IRIA em obras como: *O Algarve nas Cortes Medievais Portuguesas do século XV – Subsídios para a sua História*, vol. I: 1404-1449, Academia Portuguesa de História, Lisboa, 1990; e *A Liderança de Silves na Região do Algarve nos Séculos XIV e XV*, Câmara Municipal de Silves, 1995.

<sup>15</sup> Na revista *Panorama. Jornal Literário e Instrutivo*, 2ª série (Jul. 1842), vol. II, nº 27.

<sup>16</sup> Por João Baptista da Silva Lopes na obra de 1844, já referida.

<sup>17</sup> Da autoria de um militar inglês, J. Baily, cujo original foi publicado na obra de G. LANDEMANN, *Historical, military and picturesques observations on Portugal*, Londres, T. Cadell & W. Davies, 1813-1815, segundo Manuel F. Castelo RAMOS («Silves no século XIX – a indústria corticeira e a cidade», *Monumentos* 23, (2005), pp. 30-37.

<sup>18</sup> GOMES, Rosa Varela, *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: o núcleo urbano*, Trabalhos de Arqueologia nº 44, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 2006; IDEM e GOMES, Mário Varela, «Cerâmicas importadas dos séculos XV e XVI encontradas no poço-cisterna árabe de Silves», *Actas do III Congresso sobre o Algarve*, I, Silves, 1984, pp. 35-44; IDEM, «Cerâmicas estampilhadas muçulmanas e mudéjares, do poço-cisterna de Silves», in *Actas do 1º Encontro de Arqueologia Urbana*, Trabalhos de Arqueologia 3, IPPC, Lisboa, 1986, pp. 127-141; IDEM, «O poço-cisterna Almóada de Silves (Algarve – Portugal), I Colóquio de História y Médio Físico – El água en zonas áridas: Arqueologia y História, Almería, 1989, pp. 577-606; IDEM, «Os dispositivos defensivos de Silves», in *Actas do III Congreso de Arqueologia Medieval Española*, Universidade de Oviedo, 1992, pp. 287-295; IDEM, «Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV a XVI, do poço-cisterna de Silves», in GOMES, Mário Varela [coord.], *Silves nos Descobrimentos, Xelb*, 3, (1996), Câmara Municipal de Silves, pp. 143-205.

<sup>19</sup> GOMES, Rosa Varela, «Cerâmicas muçulmanas do Castelo de Silves», *Xelb*, 1, Silves, 1988; IDEM, «Resultados da última campanha de escavações arqueológicas no Castelo de Silves», in *Actas do Encontro de Arqueologia do Algarve*, Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, Faro, 1990, pp. 137-151; IDEM, «Cerâmicas muçulmanas orientais e orientalizantes do castelo de Silves (peças esmaltadas policromas e de reflexo metálico)», *Estudos Orientais*, II, 1991, pp. 13-39; IDEM, «Cerâmicas almóadas do castelo de Silves», in *Actas do Congresso A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Campo Arqueológico de Mértola, 1991, pp. 378-404; IDEM, «Fragmento de placa insculturada do castelo de Silves», *Arqueologia Medieval*, 2, (1993), pp. 79-83; «Cerâmicas muçulmanas de Silves, dos séculos VIII e IX», in *Actas das 1ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*:



guo à Rua da Arrochela<sup>20</sup>, também no Salão Paroquial<sup>21</sup> e, pontualmente, deambularam pela área urbana, aqui sem resultados muito notáveis mas que contribuíram, inequivocamente, para se irem definindo os limites da cidade em período islâmico.

A partir de 1997, com a criação do Instituto Português de Arqueologia e na sequência de um novo quadro legal, a Arqueologia portuguesa ganha uma nova dimensão e os trabalhos arqueológicos crescem exponencialmente, fenómeno a que a cidade de Silves não é alheia. Desde então, são de referir os trabalhos de desentulhamento de uma conhecida cisterna localizada a norte da Sé<sup>22</sup>, os que ocorreram no espaço onde se construiu a nova Biblioteca Municipal<sup>23</sup>, os trabalhos que tiveram

*Métodos e Resultados para o seu Estudo*, Câmara Municipal de Tondela, 1995, pp. 287-296; IDEM, «Contributo para o estudo das cerâmicas com decoração a “verde e castanho” de Silves», in *Actas das 2<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval de Tondela: Métodos e Resultados para o seu Estudo*, Câmara Municipal de Tondela, 1998, pp. 43-55; IDEM, «Estruturas defensivas medievais de Silves», in *Mil anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos, Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela, Lisboa, 2002, pp. 325-336; IDEM, *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: a Alcáçova*, Trabalhos de Arqueologia nº 35, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 2003; IDEM, *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: o núcleo urbano*, Trabalhos de Arqueologia nº 44, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 2006; IDEM, «O castelo de Silves. Contributos da investigação recente», in *Actas do 6<sup>o</sup> Encontro de Arqueologia do Algarve – O Gharb no al-Andalus. Sínteses e Perspectivas de Estudo*, Xelb, 9, Silves, 2009, pp. 477-489. IDEM e CUNHA, António Santinho, «Testemunhos arqueológicos da conquista cristã da alcáçova de Silves», in *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, 1991, pp. 203-212; IDEM, «Testemunhos arqueológicos da conquista cristã da Alcáçova de Silves», *Boletim de Arqueologia Medieval*, 5, 1991, pp. 151-165; IDEM e ANTUNES, Miguel Telles, «Testemunhos arqueológicos da conquista cristã da Alcáçova de Silves, em 1189», in *actas das V<sup>as</sup> Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, 1994, pp. 203-212; GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela, «Placas apotropaicas do castelo de Silves», *Estudos Orientais*, VI, (1997), pp. 141-150; IDEM, *Palácio Almôada da Alcáçova de Silves – Catálogo de exposição*, Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Silves, 2001.

<sup>20</sup> GOMES e GOMES, *Op. cit.*, 2001.

<sup>21</sup> CUNHA, António Santinho *et alii*, «A sepultura I da necrópole da Sé de Silves (Algarve, Portugal). Ritual e patologias», in *Actas del II Congreso Nacional e Paleopatología*, I, Valencia, 1996, pp. 117-182; GOMES, R. V., *Silves (Xelb)*..., 2006.

<sup>22</sup> GAMITO, Teresa Júdice, «A água, recurso inestimável – formas de armazenamento e utilização em época islâmica», in *Homenagem ao Prof. Manuel Gomes Guerreiro*, Universidade do Algarve, Faro, 2001, pp. 165-178; IDEM, «A cisterna árabe da Rua do Castelo – Silves», in *Actas do 1<sup>o</sup> Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 27, 28 e 29 de Setembro de 2001)*, Xelb, 4 (2003), pp. 235-246; IDEM, «A cisterna árabe e a sua possível ligação à mesquita maior da cidade», *Monumentos*, 23, 2005, pp. 56-61.

<sup>23</sup> GONÇALVES, M. J.; SANTOS, Ana Luísa, «Novos testemunhos do sistema defensivo islâmico e os restos osteológicos humanos encontrados junto à muralha de um arrabalde-Notícia preliminar», in *Actas do 2<sup>o</sup> Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 17 e 18 de Outubro de 2003)*, Xelb, 5, 2005, pp. 177-200. GONÇALVES, M. J.; PIRES, Alexandra, «Silves islâmica: a muralha do arrabalde e a dinâmica de ocupação do espaço adjacente», in *A ocupação islâmica da Península Ibérica – Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 14 a 20 de Setembro de 2004)*, Universidade do Algarve, 2005, pp. 77-97. GONÇALVES, M. J.; KHAWLI, Abdallah, «Um lote de cerâmica estampilhada de um arrabalde islâmico de Silves», in *A ocupação islâmica da Península Ibérica – Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 14 a 20 de Setembro de 2004)*, Universidade do Algarve, 2005, pp. 175-192; GONÇALVES, M. J., «Alguns dados para a reconstituição dos hábitos alimentares da população de um arrabalde da Silves islâmica», in *Actas do 3<sup>o</sup> Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 20, 21 e 22 de Outubro)*, Xelb, 6, II, (2006), pp. 141-154. GONÇALVES, M. J.; MORENO-GARCÍA, Marta; PIMENTA, Carlos Manuel, «“Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso” Ossos com inscrições árabes de um arrabalde islâmico de Silves», in *Actas do 3<sup>o</sup> Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 20, 21 e 22 de Outubro)*, Xelb, 6, II, (2006), pp. 165-180. GONÇALVES, M. J., «Objectos de troca no Mediterrâneo Antigo – cerâmica «verde e manganês»

lugar aquando do restauro e valorização do Teatro Mascarenhas Gregório<sup>24</sup>, os que ocorreram no âmbito de obras particulares na Rua Cândido dos Reis e na Rua das Parreiras<sup>25</sup> e, os mais representativos, que colocaram à vista um importante bairro almóada, na sequência da edificação do «Empreendimento do Castelo»<sup>26</sup>. Destaque especial merecem também as intervenções arqueológicas, sob a forma de sondagens de diagnóstico<sup>27</sup>, de acompanhamento arqueológico<sup>28</sup> e, nalguns casos, sob a

de um arrabalde islâmico de Silves», *Arqueologia Medieval*, 11, (2010), pp. 25-41. GONÇALVES, M. J.; PIRES, Alexandra; MENDONÇA, Carolina, «Evolução tipológica de um conjunto de utensílios de iluminação de um arrabalde islâmico de Silves», in *Actas do III Encontro de Arqueologia Peninsular* (Aljustrel, 26, 27 e 28 de Outubro de 2006), Aljustrel, 2007, pp. 643-653. GONÇALVES, M. J.; DIAS, Rita; CALLAPEZ, Pedro, «Especíes malacológicas presentes num contexto de lixeira de um arrabalde de Silves islâmica», in *Actas do III Encontro de Arqueologia Peninsular* (Aljustrel, 26, 27 e 28 de Outubro de 2006), Aljustrel, 2007, pp. 658-664. GONÇALVES, M. J., «*Silves Islâmica: a muralha do Arrabalde Oriental e a dinâmica de ocupação do espaço adjacente*». Dissertação de Mestrado em Teoria e Métodos da Arqueologia, Universidade do Algarve, 2008 (policopiado). GONÇALVES, M. J.; VALÉRIO, Pedro; ARAÚJO, Maria de Fátima, «Um molde islâmico de um arrabalde da cidade de Silves», in *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 25, 26 e 27 de Outubro de 2008)*, *Xelb*, 8, II, (2008), pp. 169-176. GONÇALVES, M. J.; PEREIRA, Vera; PIRES, Alexandra, «Ossos trabalhados de um arrabalde islâmico de Silves: aspectos funcionais», in *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 25, 26 e 27 de Outubro de 2008)*, *Xelb*, 8, II, (2008), pp. 187-214. DAVIS, Simon; GONÇALVES, M. J.; GABRIEL, Sónia, «Animal remains from an islamic lixeira (garbage dump) in Silves, Algarve, Portugal», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11/1, (2008), pp. 183-258. GONÇALVES, M. J., «Silves islâmica. Deambulando pelo Arrabalde Oriental», in *Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve – O Gharb no al-Andalus. Sínteses e Perspectivas de Estudo (Silves, 23, 24 e 25 de Outubro de 2008)*, *Xelb*, 9, (2009), pp. 489-524. GONÇALVES, M. J., *Silves Islâmica – cinco séculos de ocupação do Arrabalde Oriental*. Roteiro de exposição. Câmara Municipal de Silves, 2009. GONÇALVES, M. J.; PIRES, Alexandra; MENDONÇA, Carolina, «Utensílios do quotidiano de um arrabalde islâmico de Silves: estudo preliminar da louça de cozinha», in *Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 23 a 25 de Outubro de 2008)*, *Xelb*, 9, (2009), pp. 695-706.

<sup>24</sup> RAMOS, M. F. C., art. cit., (2005).

<sup>25</sup> SILVA, Telmo Pinheiro et alii, *Relatório Final da Intervenção Arqueológica na Rua Cândido dos Reis*, 32 (Silves), 2006 (policopiado); FERREIRA, Sónia Duarte et alii, «Intervenção arqueológica na Rua Cândido dos Reis: novos dados sobre o urbanismo islâmico da cidade de Silves», in *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 25 a 27 de Outubro de 2007)*, Silves, 2008, pp. 131-138.

<sup>26</sup> SANTOS, José Costa; BARREIRA, Paula Abranches, «Do Bairro Islâmico ao “Empreendimento do Castelo” (Silves). Primeiros resultados de uma intervenção arqueológica», in *Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 20, 21 e 22 de Outubro de 2005)*, *Xelb*, 6, II, (2006), pp. 131-140. IDEM, *Relatório Final da Intervenção Arqueológica do Empreendimento do Castelo*, Silves, 2007 (policopiado). IDEM, «Urbanismo do Arrabalde de Silves em vésperas da Reconquista», in *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 25 a 27 de Outubro de 2007)*, *Xelb*, 8, II, (2008), pp. 255-262. IDEM, «Um fosso da Silves islâmica», in *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 25 a 27 de Outubro de 2007)*, *Xelb*, 8, II, (2008), pp. 149-154.

<sup>27</sup> RAMOS, Ana Cristina; PINTO, Marina; PENISGA, Ana, «Projecto de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Silves – Relatório Final da Fase de Sondagens de Diagnóstico nºs de 1 a 22», Era, Arqueologia, S. A., Lisboa, 2005 (texto policopiado). VIEIRA, Ana Isabel, *Projecto de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Silves – Relatório Final de Sondagens de Diagnóstico – Espaço confinante à Travessa do Pelourinho – Silves*, 2007 (policopiado); IDEM, *Projecto de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Silves – Relatório Final de Sondagens de Diagnóstico Largo José Correia Lobo – 2ª fase: Ecoponto, Fundo de Caixa 2 e Contexto A – Silves*, 2007 (policopiado); IDEM, *Projecto de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Silves – Relatório Final de Sondagens de Diagnóstico – Largo da Sé – 2ª fase – Silves*, 2007 (policopiado).

<sup>28</sup> VIEIRA, Ana Isabel, *Projecto de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Silves – Relatório Final de Acompanhamento Arqueológico – Rua da Arrochela (frente Rua das Portas da Azóia, Largo José Correia Lobo e Rua do Saco) – Silves*, 2007 (policopiado); IDEM, *Projecto de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Silves – Relatório Final de Acompanhamento Arqueológico Espaço confinante à Rua do Castelo e à Rua do Mirante – Silves*, 2007 (texto policopiado); IDEM, *Projecto de Reabilitação*

forma de escavação em área<sup>29</sup> que aconteceram no âmbito do Projecto de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Silves —Programa Polis— e que acrescentaram uma enorme mais-valia ao conhecimento que tínhamos sobre a ocupação da cidade, sobretudo no que respeita à área que corresponderia à antiga medina.

Os trabalhos arqueológicos referidos —que representam uma área intervenida já bastante significativa (fig. 2 e 3)— não contrariam a premissa de que se partiu: encontram-se vestígios materiais romanos dispersos pelo perímetro da actual cidade, mas em quantidade muito reduzida e sempre descontextualizados.



Fig. 2: Locais da cidade onde foram feitas sondagens arqueológicas.

*Urbana do Centro Histórico de Silves – Relatório Final de Intervenção Arqueológica Largo da Sé – 1ª fase: rua frente à Sé – Silves, 2007 (texto policopiado); IDEM, Projecto de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Silves – Relatório Final de Intervenção Arqueológica – Rua das Portas da Azóia, Largo José Correia Lobo – 1ª fase – Rua do Saco – Silves, 2007 (policopiado).*

<sup>29</sup> VIEIRA, Ana Isabel; CHANOCA, Cristina, «O Largo da Sé: resultados preliminares de uma intervenção de salvaguarda», in *Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 20, 21 e 22 de Outubro de 2005)*, *Xelb*, 6, I, (2006), pp. 71-82; IDEM, VIEIRA, Ana Isabel; CHANOCA, Cristina, «Fossas e silos do eixo Porta da Azóia – Rua do Saco (Silves)», in *Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 20, 21 e 22 de Outubro de 2005)*, *Xelb*, 6, II, (2006), pp. 115-130. SANTOS, Cláudia; SILVA, Carla; RAMOS, Sílvia, «Resultados preliminares da intervenção antropológica no Largo da Sé e na Praça dos Mártires (Silves – Portugal)», in *Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 20, 21 e 22 de Outubro de 2005)*, *Xelb*, 6, II, (2006), pp. 227-234. VIEIRA, Ana Isabel, *Projecto de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Silves – Relatório Final de Escavação Arqueológica – Rua A (Ligação entre o Largo da Sé e o Largo José Correia Lobo – Silves, 2007 (policopiado); IDEM, VIEIRA, Ana Isabel, Projecto de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Silves – Relatório Final de Escavação Arqueológica – Largo da Sé – Cisterna – Silves 2007 (policopiado).* CASIMIRO, Tânia; VIEIRA, Ana Isabel; CHANOCA, Cristina, «Silves Polis 2004-2006: alguns dados para a história da cidade», in *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 25 a 27 de Outubro de 2007)*, *Xelb*, 8, I, (2008), pp. 243-254. SANTOS, Cláudia; BARBOSA, Carla; RAMOS, Sílvia, «Contributo da Antropologia Biológica para a história de Silves: resultados das intervenções arqueológicas durante o Programa Polis (2004-2006)», in *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 25 a 27 de Outubro de 2007)*, *Xelb*, 8, I, (2008), pp. 417-430.





*Fig. 3: Outros locais da cidade onde foram feitas sondagens arqueológicas.*

### 3. A GÉNESE DA CIDADE: CERRO DA ROCHA BRANCA VERSUS LOCAL DA ACTUAL CIDADE

Apesar de todo o incremento de conhecimento verificado nos tempos mais recentes, há questões para as quais ainda não possuímos respostas claras, a mais premente das quais se prende com a origem da cidade: Silves é uma fundação islâmica ou já existiria no seu local um aglomerado com características de urbanidade?

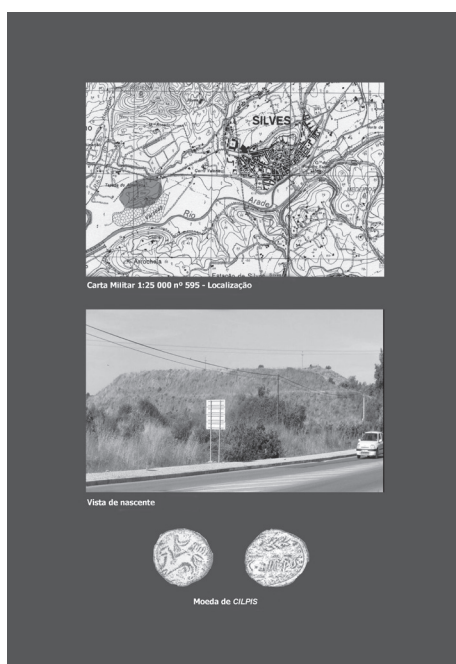
Aproximadamente 1 km a poente da actual cidade de Silves, numa elevação com cerca de 40 m localizada na confluência do rio Arade e da ribeira de Odelouca e designada por Cerro da Rocha Branca (fig. 4), foi escavada, no âmbito de três curtas campanhas de escavação arqueológica ocorridas em 1982, 1984 e 1985<sup>30</sup>, uma sucessão estratigráfica com início no Bronze Final e *terminus* nos primórdios da ocupação islâmica. A fase de ocupação que ofereceu o conjunto arquitectónico mais representativo foi a I Idade do Ferro, época em que se edificou uma estrutura defensiva e se ergueram uma série de outras estruturas interpretadas como armazéns e habitações, compatíveis com um entreposto comercial do tipo feitoria, que terá persistido nos séculos VI e V a. C.<sup>31</sup>. Um século depois, terá sido construída outra muralha menos potente, a

<sup>30</sup> A continuidade dos trabalhos foi impedida pela condenável destruição do sítio pelo proprietário do terreno, no ano de 1986. GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; BEIRÃO, Caetano de Mello, «O Cerro da Rocha Branca – Resultados preliminares de três campanhas de escavações», *Actas do 4.º Congresso do Algarve*, I, Silves, 1986, pp. 77-83; GOMES, Mário Varela, «O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves)», *Estudos Orientais*, IV, (1993), pp. 73-107.

<sup>31</sup> *Ibidem*.

encerrar um espaço mais reduzido, que acolheu uma população residente, numa fase em que, possivelmente, o local se haverá desenvolvido como espaço urbano<sup>32</sup>.

Apesar de controversa, tem ganhado sustentação a ideia de que, a partir daquele período, o Cerro da Rocha Branca terá configurado um pequeno *oppidum*, eventualmente designado por *CILPES*, palavra inscrita nalguns numismas com filiação num conjunto vasto associado a diversas cidades portuárias, como *Beasuris*, *Myrtilis*, *Baesa*, *Ipses*, *Ossonoba*, etc., com cronologias que medeiam entre os séculos II e I a. C.<sup>33</sup>. Algumas destas moedas surgem nas cidades referidas, mostrando a maturidade de um sistema de trocas comerciais bem enraizado. De facto, um dos exemplares numismáticos referidos foi recolhido em local compatível com o Cerro da Rocha Branca, ou nas suas imediações, durante os trabalhos de prospecção de Estácio da Veiga<sup>34</sup>, ocorridos nos finais do século XIX, o que dá grande sustentação a esta tese (fig. 4).



<sup>32</sup> GOMES, Rosa Varela, *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: território e cultura*, Trabalhos de Arqueologia n.º 23, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 2002, p. 91.

<sup>33</sup> CORREIA, Virgílio Hipólito, «Moeda, Epigrafia e Identidade Cultural no Ocidente Peninsular Pré-Romano», in *Actas del III Encuentro Peninsular de Numismática Antigua Osuna (Sevilla) Febrero-Marzo 2003*, Sevilla, 2004, pp. 267-290.

<sup>34</sup> VEIGA, S. P. M. E., art. cit., 1910; IDEM, *Antiguidades...* 2006; FARIA, António Marques de, «Moedas da época romana cunhadas no actual território algarvio», *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*, Lisboa, 1997, p. 361-71; MARINHO, J. R., «As moedas hispano-romanas do território português. Achados recentes e algumas considerações», in *Actas do IV Congresso Nacional de Numismática*, Associação Numismática de Portugal, Lisboa, 1998, pp. 21-28; ALARCÃO, Jorge, «Notas de Arqueologia, epigrafia e toponímia – III», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8/2, (2005), pp. 293-311.

Fig. 4: Localização do Cerro da Rocha Branca.

Numa fase seguinte, à qual parece que não se associam quaisquer estruturas, identificam-se cerâmicas de influência itálica, que inaugurarão um tempo em que aquele espaço parece ter ganhado maiores características de urbanidade, embora mantendo a sua vocação comercial<sup>35</sup>, eventualmente utilizando as mesmas estruturas arqueológicas ou outras, que a trágica interrupção dos trabalhos de investigação não permitiu colocar em evidência.

Para além de leituras alternativas no concernente às cronologias propostas pelos seus escavadores, nas fases supostamente mais antigas de ocupação do local<sup>36</sup>, este espaço tem também viabilizado ampla discussão sobre o tipo de assentamento que ali teria persistido em tempo de dominação romana. Na mesma tem participado Jorge de Alarcão, que associa os *Cilibitani* mencionados por Plínio a um eventual *oppidum* de nome *Cilibis*, que pode ter resultado de *Cilpes*, evoluindo este para *Cilpis*, e ali tido a sua localização<sup>37</sup>. Contudo, face à manifesta ausência de materiais relevantes no local, o mesmo autor levanta outras hipóteses de localização, como sejam a zona da actual cidade de Portimão ou a própria cidade de Silves<sup>38</sup>. Quanto a esta última possibilidade, reiteramos que o perímetro da actual cidade já foi amplamente sondado e a panorâmica mantém-se: raros vestígios romanos, sempre descontextualizados (fig. 2 e 3).

Mas se a cidade de *Cilpis*, convertida em capital de *civitas* em época romana, não ficava em Silves, onde se localizaria então? No Cerro da Rocha Branca? Restam até dúvidas se teria sido *Cilpes*. As moedas cunhadas com esta legenda surgem noutros entrepostos comerciais, como *Lacobriga*; não há certeza absoluta de que Estácio da Veiga tenha encontrado o exemplar que refere exactamente naquele local; e, embora as probabilidades sejam fortes, que se saiba, o sítio não ofereceu outros exemplares em três campanhas de escavações<sup>39</sup>. Também de lá não provêm inscrições, nem quaisquer outros elementos arquitectónicos relevantes, que se associem a um aglomerado urbano romano, ainda que de pequena dimensão.

---

<sup>35</sup> GOMES, GOMES e BEIRÃO, art. cit., 1986, p. 80.

<sup>36</sup> Vejam-se, a propósito, os trabalhos de: ARRUDA, Ana Margarida, «O comércio fenício no território actualmente português», in *Intercambio y Comercio Preclassico en el Mediterráneo*, Madrid, 2000, pp. 59-77; IDEM, «A Idade do Ferro no Algarve: velhos dados (e outros mais recentes) e novas histórias», in *Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 24 e 25 de Novembro de 2006)*, Xelb 7, (2007), pp. 115-130; e TORRES ORTIZ, Mariano, «Los Fenicios en el Sudoeste de la Península Ibérica. La colonización fenicia de Occidente. Estado de la investigación en los inicios del siglo XXI», in *Actas de las XVI Jornadas de Arqueología Fenicio-Punica*, Ibiza, 2001, pp. 49-68.

<sup>37</sup> ALARCÃO, art. cit., 2005, p. 294.

<sup>38</sup> *Ibidem*.

<sup>39</sup> J. D. GARCIA DOMINGUES diz que foram recolhidos vários exemplares na zona de Silves, mas não especifica onde: vide *Elementos para o Plano de Urbanização de Silves: Memorial sobre a estrutura topográfica, demográfica, urbanística, história, cultura e economia da cidade de Silves*, 1956 (policopiado), p. 45.

Também Amílcar Guerra se tem associado a esta discussão<sup>40</sup>. Concorde que a Rocha Branca não ofereceu materiais arqueológicos que a possam elevar à categoria de cidade romana. Diz mesmo que o facto de o actual topónimo Silves derivar de *Cil(i)pis* implica que a correspondente cidade romana se situe no mesmo lugar, dado que as situações em que tal não sucede, de que *Conimbriga* é exemplo, são minoritárias e constituem a excepção. Aceita, portanto, que à continuidade do topónimo se associa a sobreposição dos estabelecimentos humanos e, face à ausência de testemunhos arqueológicos representativos no perímetro da actual cidade, advoga que alterações na estratégia de implantação poderão ter concorrido para que a cidade romana se situasse um pouco afastada da actual e ainda se não tivesse identificado o local<sup>41</sup>.

A Vasco Mantas parece segura a identificação de *Cilpes* com Silves<sup>42</sup> e, ao problematizar a organização do território algarvio em época romana, considera improvável a hipótese de a *civitas* de *Ossonoba* abranger todo o Algarve Ocidental, pelo que a existência na região do Barlavento de uma outra *civitas* lhe parece pertinente<sup>43</sup>. Neste contexto, tanto *Cilpes* como *Lacobriga* poderiam colmatar esta lacuna; contudo, este autor considera de maior relevância os factores geográficos e, tendo em atenção a importância das actividades marítimas, julga poder *Lacobriga* reunir melhores condições para ter sido a capital da terceira *civitas* existente no actual território algarvio<sup>44</sup>.

No âmbito desta discussão não podemos deixar de referir a problemática da «Ponte Velha» de Silves, por alguns considerada de manufactura romana<sup>45</sup>. Contudo, e tal como foi demonstrado em estudo recente<sup>46</sup>, não restam hoje dúvidas quanto à sua construção medieval cristã, bem comprovada pelas inúmeras siglas de canteiro, distribuídas desde os silhares da sua base até aos que encerram os vários arcos (fig. 5). São ainda de referir outros aspectos construtivos e opções arquitectónicas, pouco consentâneos com a tecnologia e arquitectura das pontes romanas, como, por exemplo, o tabuleiro pouco espesso e em cavalete, o grande vão dos arcos e a pequena dimensão dos silhares. Por outro lado, encontram-se ausentes os característicos grandes silhares de aparelho almofadado, bem como as habituais marcas de *forceps*.

<sup>40</sup> GUERRA, Amílcar, «As fontes clássicas relativas ao território do actual Algarve: uma perspectiva crítica sobre o seu contributo histórico», in *Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 20, 21 e 22 de Outubro de 2005)*, *Xelb*, 6, 1, (2006), pp. 329-338.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 333.

<sup>42</sup> MANTAS, V. G., art. cit., 1997, p. 287.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 290.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 291 e 303.

<sup>45</sup> SANTOS, M. L. E. V. A., op. cit., 1972, p. 98.

<sup>46</sup> BERNARDES, J. Pedro; GONÇALVES, M. José, «A Ponte Velha de Silves», *Monumentos*, 23, (2005), pp. 62-67.



Fig. 5: «Ponte Velha» de Silves.

#### 4. SACELLVM NEPTVNI

Durante décadas, também favoreceu e reforçou a ideia de que sob a cidade islâmica teria havido uma *civitas* romana a menção de Frei Vicente Salgado<sup>47</sup> a uma inscrição romana proveniente de Silves, mas desaparecida, que aludia a um templo a Neptuno.

De facto, ao escrever as *Memórias Eclesiásticas do Reino do Algarve*, dedicadas ao então bispo de Beja, D. Manuel do Cenáculo (fig. 6) o olisiponense Frei Vicente Salgado afirma, na «prefação», querer cumprir um dever, na imitação dos «grandes sábios» que, «enfraquecida a vista sobre os livros, enterrados em poeira, gastam os dias e noites» «lendo antigos códices, adivinhando letras nos carcomidos pergaminhos, descavando lápidas, cipos, moedas e outros testemunhos da antiguidade, os quais, despertando a lembrança dos acontecimentos mais remotos, obrigam a empresas literárias os espíritos amantes do Patriotismo, fazendo reviver do esquecimento as memoráveis acções dos antepassados».

---

<sup>47</sup> SALGADO, Frei Vicente, *Memórias Eclesiásticas do Reino do Algarve (oferecidas ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo de Beja)*, I, Regia Officina Typografica, Lisboa, 1786, p. 307.





Fig. 6: Frontispício do livro de Frei Vicente Salgado.

Dado que um «destino superior» o conduzira ao Algarve e «a obediência, depois de algumas lidas literárias, em idade quinquagenária» o nomeara «professor na antiga e arruinada cidade de Silves», onde —acrescenta— «esta minha congregação [a Ordem Terceira de S. Francisco] tem um insignificante conventinho», houve por bem aproveitar na investigação histórica o tempo que lhe sobejava do múnus docente e pastoral:

«Examinei e copiei memórias antiquíssimas de alguns cartórios, decifrei inscrições, cipos, lápidas, moedas romanas e memórias sepulcrais até onde chegaram os meus conhecimentos».

E se, confessa, «não há cousa mais dificultosa a empreender nestes dias que a composição de uma história», porque «pede mão original», não é menos verdade que, em sua opinião, «não há matéria mais interessante».

É no capítulo XVII que se propõe dar «notícia de algumas inscrições romanas que antigamente se encontravam em Silves e suas vizinhanças», não sem, antes,

explicar que, afinal, não pudera «descobrir neste País grande porção de inscrições e monumentos de antiguidades, como vemos ainda em muitas cidades e vilas do nosso continente», porque, apesar de os romanos terem deixado «aos vindouros os testemunhos de suas gloriosas acções e vitórias», o certo é que «os africanos, gente naturalmente oposta e inimiga dos Godos e dos Romanos» tudo acabaram por destruir: «arruínam, quebram, despedaçam»! (p. 303).

Depois de se referir aos monumentos de *Ossonoba*, que localiza em Estói (Milreu), debruça-se sobre Silves, onde, apesar de ter sido «sempre populosa na dominação daquelas gentes, apenas encontramos três únicos testemunhos romanos que nos asseguram antiguidade». São lápidas de que toma conhecimento através do livro de Grutero<sup>48</sup>, acrescentando, porém: «Fazendo eu as maiores diligências, quando ali residi, por descobrir as pedras que tinham gravadas estas inscrições, nunca me foi possível encontrá-las» (p. 305).

«A primeira lápide é um voto que consagrou às Ninfas Avito, filho de Próculo, pela saúde de sua mulher Flaccilia Flacca [sic].»

Apresenta o texto e informa que «se encontra a notícia desta lápida» «nos *Excerptos* de Francisco Escoto (irmão de André Escotto), conhecido pelo Itinerário de Italia, Germânia, França e Espanha» (p. 306), informação decerto colhida na leitura de Grutero, que traz a inscrição na pág. 93.

A segunda inscrição, porém, já teria sido retirada de uma página bem longínqua dessa, a 780 (*ibidem*), e a terceira viria na pág. 803. Aliás, também refere que são lápidas noticiadas por Octávio Strada (1550–1607), «que compôs as vidas dos imperadores, principiando em Júlio César até Matias» (p. 307).

Vai ser necessária maior pesquisa, que possa, eventualmente, trazer luz sobre o contexto original que é atribuído a cada um destes monumentos, nomeadamente àquele que ora nos interessa; contudo, afigura-se-nos, à partida, que, qualquer que tenha sido o critério utilizado por Grutero, era possível estranhar-se, desde logo, que as inscrições fossem as três do mesmo lugar, tão distantes estão na obra. Certo é, porém, que, em Strada, eles se encontram todos na p. 174 (fig. 7), o mesmo acontecendo no códice do Vaticano nº 7113, de Zurita, onde, no entanto, apenas dois dos monumentos aparecem juntos, na folha 56<sup>49</sup>, mas com as informações bem concretas, tal como Hübner as transcreve:

— a inscrição às Ninfas estava «in templo S. Mariae» de Monforte e aí foi considerada<sup>50</sup>;

---

<sup>48</sup> GRUTER (Jan), *Inscriptiones Antiquae Totius Orbis Romani in Absolutissimum Corpus Redactae... denuo cura viri Summi Joannis Georgii Graeviri recensitae*, Amstelaedami, 1707.

<sup>49</sup> Agradecemos a Helena Gimeno e a Javier Moralejo, respectivamente, directora e técnico do Centro CIL II, de Alcalá de Henares, a gentileza de prontamente nos terem feito chegar cópias destes dois documentos.

<sup>50</sup> Cfr. ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, sob o nº 569.

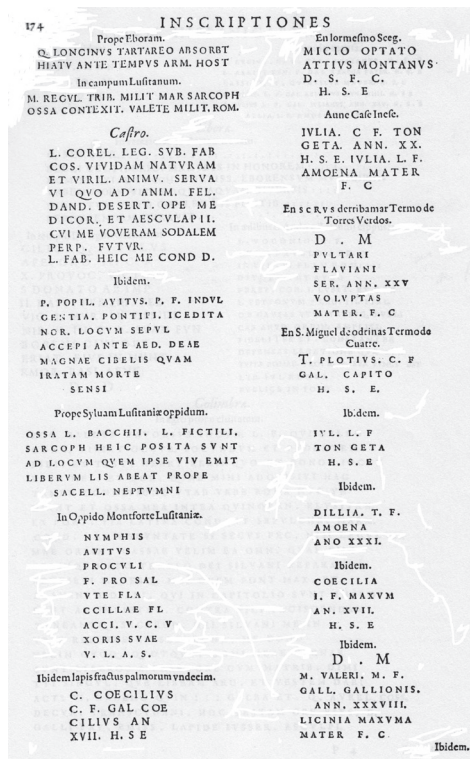


Fig. 7: Pág. 174 do manuscrito de Strada.

— a terceira «prope Silvam oppidum Lusitaniae», ou seja, «perto de Silves, ópido da Lusitânia»;

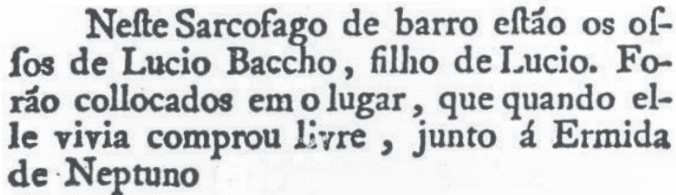
— o epitáfio de Optato foi exaustivamente estudado por Vasco Mantas, que o dá como «proveniente da Quinta de S. Gião, freguesia de Santa Maria, Torres Vedras»<sup>51</sup>.

Primeira conclusão, portanto: mesmo que se interprete *Sylvam* como o acusativo do topónimo por que, então, se designava Silves em latim, há razões para se desconfiar de que seja esse o verdadeiro contexto geográfico em que o monumento apareceu.

<sup>51</sup> MANTAS (Vasco Gil), «Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras», *Conimbriga*, 21 (1982), p. 22-27, Strada nem sempre conseguiu decifrar os nomes manuscritos. Assim, em relação a este epitáfio a procedência dada resulta-nos, por enquanto, deveras obscura, porque se lê «En lormefno Scog.»; aliás, na mesma coluna, mais abaixo, a palavra Cintra foi interpretada como Cuatre...

Atentemos, por consequência, no texto da inscrição. Aliás, é o próprio Frei Vicente Salgado quem dá do seu conteúdo a seguinte explicação:

«Neste sarcófago de barro estão os ossos de Lúcio Baco, filho de Lúcio. Foram colocados em o lugar que, quando ele vivia, comprou livre, junto à ermida de Neptuno» (p. 307) (fig. 8).



**Neste Sarcófago de barro estão os ossos de Lucio Baccho, filho de Lucio. Foram collocados em o lugar, que quando ele vivia comprou livre, junto á Ermida de Neptuno**

*Fig. 8: Excerpto da pág. 307 do livro de Frei Vicente Salgado.*

E acrescenta:

«Tem sua galanteria esta última inscrição, por nos instruir da matéria de que era feito o sarcófago; e pelo HEIC, em que se denota o uso desta latinidade romana, ainda em tempos mais baixos, como eu considero ser gravada esta inscrição. Também nos dá notícia que havia uma pequena ermida junto à cidade de Silves, dedicada a Neptuno» (pp. 307-308).

Fala, de seguida, no templo que existira no Promontório Sacro, mas nada adianta acerca da hipótese de localização deste templo, de que, porventura, poderia haver alguma tradição na terra ou ruínas ou sobre ele se haver construído um templo cristão... Nada! Nenhum comentário mais merece ao digno sacerdote a eventual existência de um templo pagão, nem sublinha que tenha tido curiosidade em sobre ele saber algo mais...

Poderemos, pois, começar por aqui, pelo templo. É que, na verdade, a literatura de Setecentos sobre as antiguidades lusitanas é pródiga em atribuir a existência de templos a Neptuno nos pontos mais importantes da costa. Recordar-se-ão, a título de mero exemplo, as informações veiculadas por Frei Bernardo de Brito, segundo as quais Décimo Júnio Bruto «conquistou a cidade Eburobrício, situada nos coutos de Alcobaça e no lugar da batalha que venceu fundou templo ao deus Neptuno, em cumprimento de voto que lhe tinha feito; de cujas ruínas se fundou a ermida de S. Gião na qual se acha a memória da dedicação que Bruto fez, em que se contêm as seguintes letras [...]» e aí vem mais uma inscrição dedicada a Neptuno<sup>52</sup>.

<sup>52</sup> Cf. ENCARNACÃO (José d'), «O mar na epigrafia da Lusitânia romana», in OLIVEIRA (Francisco de), THIERCY (Pascal) e VILAÇA (Raquel) [coord.], *Mar Greco-Latino*, Coimbra, 2006, pp. 271-289 [p. 274]. Nessa mesma comunicação (pp. 275-276), se faz já uma primeira abordagem desta pretensa inscrição romana de Silves.

Por conseguinte, afigura-se clara a 'contaminação': o trazer para Silves um templo a esta divindade é singela imitação do que se preconizara para a zona de Alco-baça e para outras zonas da costa 'lusitana'. Por isso também se não têm mais ecos desse templo nos autores que sobre as antiguidades de Silves se debruçaram.

Que a inscrição é forjada —como outras que lhe fazem companhia no rol de Strada e no de Zurita, no que seguem, de quando em vez, as pisadas de André de Resende— deduz-se facilmente do facto de não obedecer às regras epigráficas e de utilizar um vocabulário retirado da linguagem literária.

Já o próprio Frei Vicente Salgado houvera por bem tecer considerações acerca do significado da palavra «sarcófago», esclarecendo que era de origem grega e que se, a princípio, o termo se aplicava apenas a um «mausoléu ou sepulcro digno», depois passou a designar «todos os sepulcros construídos de qualquer matéria». E é claro que a explicação não colhe, quando se indica expressamente que se trata de sarcófago *fictilis*, ou seja, «feito de barro».

Mas talvez não seja despidiendo analisar mais de perto o texto tal qual ele nos é transmitido por Zurita (fig. 9). Desdobradas as siglas e abreviaturas, teríamos:

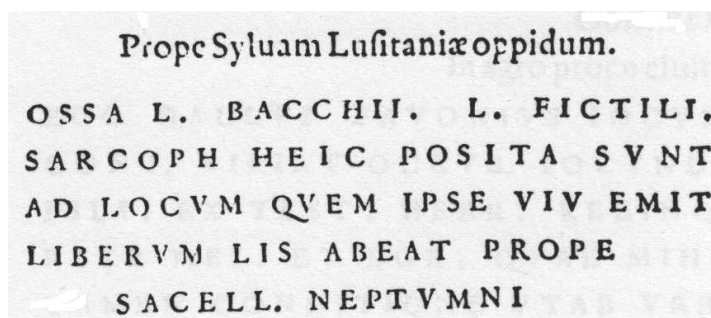


Fig. 9: A inscrição como a traz Zurita.

OSSA L(*ucii*) BACCHII L(*ucii*) F(*ilii*) FICTILI / SARCOPH(*ago*) HEIC POSITA SVNT / AD LOCVM / QVEM IPSE VIV(*us*) EMIT / LIBERVM LIS ABEAT PROPE / SACELL(*um*) NEPTVNI

O que significaria:

«Aqui, em sarcófago de barro, estão depositados os ossos de Lúcio Báquio, filho de Lúcio, no local que ele próprio comprou. A contestação o deixe livre, junto do templete de Neptuno».

É, pois, toda uma fraseologia de teor erudito, que nada tem a ver com a simplicidade dos textos epigráficos. Supomo-la decalcada de algum texto jurídico, mormente na sua última parte, onde nos parece verosímil a interpretação que



demos, ou seja: *lis* é termo feminino que significa «controvérsia», «contenda», «litígio», «questão judicial»... Recorde-se que o *lictor* era o oficial que acompanhava certos magistrados, levando consigo os feixes (*fasces*) e a vara (*virga*), símbolos do poder de castigar e, mesmo, de condenar à morte. Assim, em vez de considerarmos a eventual falta de um h —que daria *habeat*, ‘tenha’—, optámos por ver aí a forma do verbo *abere*, com o significado de ‘afastar-se’, ‘ir-se embora’. Por outro lado, *liberum* tem de concordar com *locum* e, desta forma, a ideia que se pretende transmitir é que o túmulo foi comprado por Lúcio Báquio<sup>53</sup>, para nele serem depositados os seus ossos, livre de quaisquer encargos, isto é, tudo se processou de acordo com as leis em vigor, de modo que não pode sofrer contestação a compra feita e a consequente deposição ali dos restos mortais do comprador.

Esses aspectos —que, enquanto se não encontrarem paralelos se situam, em nosso entender, num domínio mais literário e, até, de cariz judicial (digamos assim)— não foram sequer abordados pelos comentadores nem pelo próprio Frei Vicente Salgado, que, de certo modo, só salientou o facto de haver ali um templo ao deus Neptuno e, do ponto de vista linguístico, reparou no arcaísmo *heic* (por *hic*) e no invulgar uso do vocábulo *sarcophagus*<sup>54</sup>.

E. Hübner inclui esta inscrição<sup>55</sup> entre as falsas —é «inquestionavelmente falsificada»<sup>56</sup>— e nem se demora em qualquer justificação da sua afirmação, de tal modo evidente se lhe afigura que o é.

Duas questões ficam, porém, ainda por resolver: de quem terá partido originalmente esta ideia e qual foi a sua inspiração do ponto de vista textual.

## 5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em nossa opinião, por conseguinte, a *civitas* romana de *Cilpis* não pode ter-se localizado no Cerro da Rocha Branca, por falta de vestígios de dimensão compatível. Quanto muito, pode ali ter persistido um pequeno aglomerado urbano, do tipo *vicus*, de forte cariz comercial, ou um simples porto, dando continuidade ao povoamento de um local, que, do ponto de vista estratégico, era deveras apetecível:

---

<sup>53</sup> A propósito, dir-se-á que a personagem se identifica de uma forma correcta para os primórdios dos usos epigráficos, nos finais da República: *praenomen* (*Lucius*) e *nomen*, seguido de filiação. O *nomen* *Bacchius* (mais habitualmente grafado sem h) era conhecido dos académicos, pois que identificou um gladiador célebre e um escritor de Mileto. Na Península Ibérica, só temos conhecimento de uma (possível) ocorrência — *L. Bac[c]ius Proc[ul]us* — em Montealegre del Castillo (AE 1985, 611).

<sup>54</sup> Anote-se, como curiosidade, que, na base de dados epigráficos da Península Ibérica, apenas se regista uma vez a utilização desta palavra, numa inscrição de Cádiz (CIL II 1806): *Fabia Domi[t]ia / D(ecimi) f(ilia) Secunda / sarcophago / data s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)* (vide <http://www.eda-bea.es/>, n.º. de registo: 1440).

<sup>55</sup> CIL II 2\*. Escreve, porém, BACCHI IL. F. — mas, como não faz qualquer desdobramento, também nem parece preocupar-se com a correcção da transcrição.

<sup>56</sup> Escreve ele na p. 31 das *Notícias Archeológicas de Portugal*, Lisboa, 1871 [Tradução de A. S., por ordem da Academia Real das Ciências de Lisboa].

matérias-primas disponíveis, terrenos férteis, defesas naturais, facilidade de acesso aos mares.

Equacionar a localização de *Cilpis* no local da cidade de Silves resulta nos mesmos constrangimentos. Na zona mais alta do actual aglomerado urbano foram, nos últimos anos, escavadas vastas áreas, efectuadas mais de 150 sondagens de diagnóstico e a potência estratigráfica é diminuta. O panorama mais comum tem sido a observação de silos ou fossas do período islâmico escavados no substrato geológico, cheios com materiais da mesma época ou posteriores, a aflorar pouco abaixo da actual cota de circulação<sup>57</sup>. A terem existido edificações anteriores ao período islâmico, elas teriam de ter sido completamente arrasadas e, removidos os correspondentes entulhos, antes de se proceder a novas construções. Nas zonas mais baixas da cidade, compatíveis com os antigos arrabaldes, os vestígios islâmicos e modernos surgem de igual modo à superfície, encontram-se conservados a cotas relativas muito mais elevadas, mas assentam, da mesma maneira, no substrato geológico. Também não se vislumbram, nos edifícios da cidade construídos em período islâmico ou posterior, materiais romanos reaproveitados, como grandes silhares, colunas, capitéis ou inscrições.

De qualquer modo, a termos de optar entre o Cerro da Rocha Branca e a actual cidade, tal como Guerra<sup>58</sup>, consideramos que esta última reúne muito mais argumentos a seu favor. Dali provêm algumas inscrições romanas<sup>59</sup> (fig. 10); pelo menos um capitel romano de dimensão assinalável e uma cupa funerária, provenientes da zona alta da cidade e do interior do castelo, respectivamente<sup>60</sup>; inúmeras moedas com cronologias entre o século II<sup>61</sup> e IV encontradas dispersas um pouco por toda a cidade<sup>62</sup>; e um número considerável de fragmentos de cerâmicas de *terra sigillata* com cronologias entre o século II e o Baixo-Império, que sempre vão surgindo, descontextualizados, nas intervenções arqueológicas que se promovem (fig. 11).

<sup>57</sup> Vejam-se os atrás citados relatórios das intervenções arqueológicas realizadas, sobretudo por RAMOS, PINTO e PENISGA 2005, e VIEIRA (todos os de 2007)

<sup>58</sup> GUERRA, A., art. cit., 2006, p. 334).

<sup>59</sup> Expostas no Museu de Lagos, uma ara votiva, evidenciando culto na região à deusa Diana e duas funerárias, datadas entre a segunda metade do século II e a 1ª metade do século III. Ver: ENCARNAÇÃO, 1984, pp. 103-104, 121-122; IDEM, «Sobre a epigrafia romana do Algarve», in *Actas do 1º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 27, 28 e 29 de Setembro de 2001)*, *Xelb* 4, (2003), p. 157; VIANA, FORMOSINHO e FERREIRA, art. cit., 1957, p. 123-125; SANTOS, op. cit., 1972, p. 96.

<sup>60</sup> Depositados no Museu Municipal de Arqueologia.

<sup>61</sup> Em camada superficial do sítio da «biblioteca» exumamos um sestércio do reinado do imperador Cómodo (177-192).

<sup>62</sup> Cujas maiores colecções eram pertença de Manuel de Sousa e José Luís Cabrita, encontrando-se alguns exemplares expostos no Museu Municipal de Arqueologia. Vide: SANTOS, op. cit., 1972, pp. 102-104; GOMES, R. V., *Silves (Xelb)*... 2002, p. 98.



Fig. 10: Inscrições romanas dadas como provenientes de Silves.

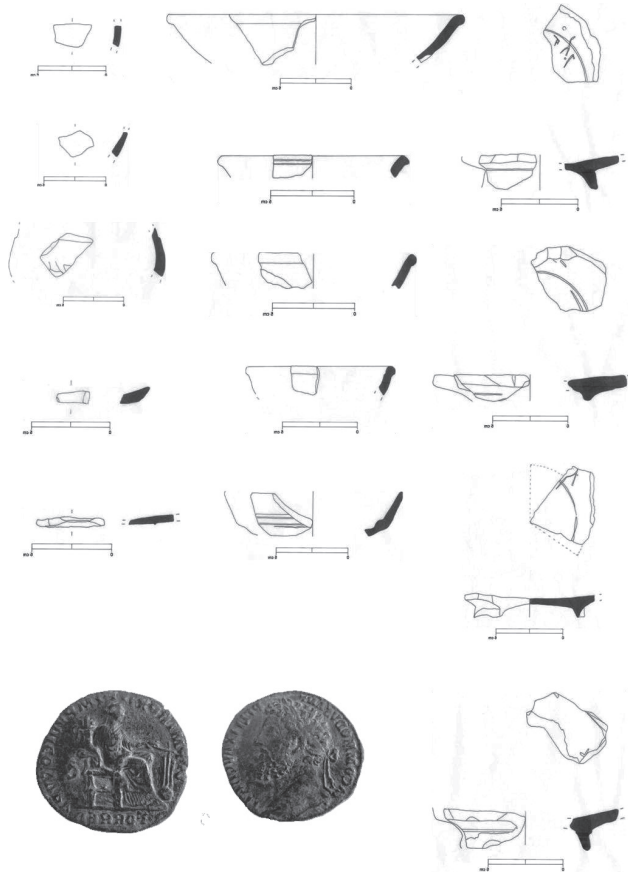


Fig. 11: Exemplos de terra sigillata encontrados pela cidade.

Como se demonstrou, também a inscrição a Neptuno durante tanto tempo usada como argumento a favor de uma cidade romana não pode confirmar sequer a existência de um eventual templo romano no local.

Assim, e face ao avanço dos trabalhos de investigação arqueológica na cidade de Silves, se conclui que, a ter existido aqui uma ocupação pré-islâmica, eventualmente a *Cilpis* dos *Cilibitani*, a mesma terá de se concentrar num espaço relativamente circunscrito, ainda não perscrutado.